

O pão da nossa boca na boca da candonga

— irregularidades na Cooperativa «25 de Setembro»

É exactamente deste último aspecto que queremos dar um exemplo concreto.

Na Cooperativa «25 de Setembro», do bairro Chamanculo, como em muitos outros bairros da capital, tem que se fazer uma grande ginástica para que o pão seja esticado e chegue para todos os membros e, mesmo assim, teve que se adoptar o sistema de cada pessoa ter pão em dias alternados.

Mas acontece que nesta cooperativa, há sócios, que inexplicavelmente ficam até cinco dias sem direito a levantarem pão. E porquê?

A D. Rachel, vendedora de pão no Posto n.º 2 daquela cooperativa e também sócia, e o Sr. Sousa, sócio e colaborador na venda de pão dizem que não têm conhecimento das irregularidades de que os sócios se queixam que existem no referido Posto de pão. Segundo eles afirmam, o pão vem em quantidades abaixo do suficiente, pelo que certas pessoas podem ficar sem pão no dia em que lhes é devido, mas são essas pessoas a serem atendi-



O gerente da cooperativa, Issufo:
«Nós não temos conhecimento das decisões do presidente da Comissão de Gestão»

das em primeiro lugar no dia seguinte. No entanto, os sócios dizem que este sistema não é aplicado regularmente e muitos deles ficam sem pão dias a fio. E o problema não fica por aqui. Diversos moradores do bairro disseram-nos que em casa da D. Rachel, vendedora do Posto de pão, este é vendido a preços es-

peculativos. Donde vem esse pão é o que vamos ver.

Uma senhora moradora no Chamanculo, D. Rosa Hambaco, relatou-nos o seguinte: Um dia, nos fins do mês passado, esperava visitas e não tinha pão em casa, pois não conseguia arranjar na cooperativa. Assim, como tinha ouvido dizer que havia um candongueiro aqui no bairro, peguei no dinheiro e fui lá ver se arranjava algum pão. Já me tinham dito que era a 150 meticais cada um (pão este que é vendido normalmente a 5 meticais), mas como precisava não me importei e ia disposta a comprá-lo. Mas quando cheguei à casa do tal candongueiro vi que era a casa da D. Rachel e que lá estava a filha dela a vender o pão. Eu já nem quis comprar o pão, pois fiquei muito chocada. Aquele pão, que nos pertence, a nós sócios é vendido ali a 150 meticais enquanto a gente vai para a bicha dias seguidos e não consegue arranjar. É uma vergonha. O pão é nosso e ela vende-o em casa. Isto quer dizer que ela provoca a falta de pão para nós termos de ir comprar a casa dela a preços exorbitantes. Isto tem que acabar.

E o que é que diz a D. Rachel?

É mentira. Eu nunca vendi pão em minha casa. Nem nunca dei crédito às minhas filhas para venderem pão. Isso é uma pura mentira. Onde é que havia de apanhar pão para vender?

Para esta pergunta, a resposta é demasiado evidente. Que melhor fornecedor haverá do que o próprio Posto do pão? E não nos parece que uma criança com menos de dez anos fosse vender pão em casa sem autorização da mãe. E para mais, aqui seria lógica a pergunta: onde arranjará a criança o pão para vender todos os dias, a não ser através da mãe? E alguém adiantou, ainda que o pão saísse do Posto quando a D. Rachel está a vender, para que a filha possa começar a vender imediatamente.

E NA BOCA DAS ESTRUTURAS

Voltando à periodicidade da venda do pão, surge outro problema, que tem agitado bastante os membros da cooperativa: o facto de que o secretário do Grupo Dinamizador (ou a sua esposa) podem levantar pão todos os dias... e sem irem para a bicha. O Sr. Sousa, que é membro da cooperativa e apoia na venda do pão, confirma-nos: Nós recebemos orientações do presidente da Comissão de Gestão da cooperativa para vender pão todos os dias ao agregado familiar do secretário do GD da nossa célula, o Sr. Zandameia, e

ele não vai para a bicha, pois tem o pão garantido. Eu próprio levo todos os dias, pois todos os dias estou aqui a trabalhar.

Ora muito bem, parece que estamos a esquecer-nos dos princípios básicos da cooperativa. Uma outra sócia da cooperativa diz-nos Eu sei muito bem que a cooperativa foi organizada pelo GD, mas isso não quer dizer que o GD (ou seja os responsáveis) possam ter mais direitos do que outros membros. A cooperativa é de todos nós. Todos temos os mesmos deveres e direitos.

Seja ele responsável disto ou daquilo, seja ele colaborador de algum posto de cooperativa, o mem-

mas chega para ser vendido no sistema atrás referido. Ele disse nos ainda que desconhece por completo as irregularidades que se verificam no Posto nº 2 da venda de pão e que comunicará imediatamente a Comissão de Gestão. Por outro lado disse que desconhece também a autorização dada pelo presidente da cooperativa ao secretário do GD, Sr. Zandamela, para comprar pão todos os dias. Salientou que as decisões devem ser tomadas pela Comissão de Gestão em conjunto.

Por não termos conseguido encontrar o presidente da CG da cooperativa nas diversas ocasiões que fomos des'ocámos ao bairro, e apesar



Rosa Hambaco: «É uma vergonha. Ela vende o pão que nos pertence. Tira o pão da cooperativa e nós somos obrigados a comprá-lo a 150 meticais»

bro tem direitos e deveres iguais. Por ele ser chefe não deve poder levar pão todos os dias, se os outros levam em dias alternados; e se ele colabora num posto da cooperativa, não faz mais do que a sua obrigação e isso não deve trazer-lhe benefícios.

O QUE DIZ A COMISSÃO DE GESTÃO

Para esclarecer algumas dúvidas, contactámos o Sr. Issufo, gerente da cooperativa, na ausência do presidente da Comissão de Gestão (já que, quando tentámos contactar com ele, nunca o encontramos, ou por outra, encontramos respostas de que não estava ou recados a dizer que o Sr. Presidente anda muito ocupado). O gerente confirmou nos que o pão deve ser vendido em dias alternados e que realmente o pão é fornecido à cooperativa em 60 por cento das necessidades mínimas,

dos pedidos de encontro que lá deixámos, não nos foi possível apurar a veracidade de outros problemas levantados por diversos cooperativistas. Esses problemas vão desde a prepotência do dito presidente até à recusa de atender os pedidos e as queixas dos sócios. E parece-nos que este senhor não tem a consciência muito tranquila pois contactou a cooperativista que nos colocou estes problemas todos e quis saber por que é que «a minha irmã» não veio ter comigo pessoalmente, que eu resolvia-lhe o problema? Porque é que me fizeste isso (isso — refere-se ao facto de ter contactado o jornal)?

Esperamos que agora os cooperativistas e a Comissão de Gestão possam resolver todos estes problemas para que a cooperativa seja realmente dos sócios e para que nos falte menos o pão da boca, que vai para a boca da candonga.